

Narração Oral: do ato performativo à interação no (e com) o território

Uma experiência em Campanhã

Instalou-se de imediato uma curiosidade por aquela forma de representar que dispensava os cenários, os figurinos, a energia do trabalho corporal de três atores e que se resumia, tão simplesmente, a um homem sentado numa cadeira que parecia falar com aquelas crianças como se estas o tivessem ido visitar a casa.

Luís Correia Carmelo

Narração Oral: uma arte performativa, 2016

“Era uma vez” / “Nem imaginas o que me aconteceu” / “Vou contar-te a minha versão dos factos” / “Ouve”... Com mais ou menos performance, todas estas introduções precedem uma história. E com exceção de “Era uma vez”, as restantes têm presença regular no quotidiano de qualquer pessoa.

A ubiquidade do ato de contar histórias é um dos obstáculos ao seu reconhecimento enquanto disciplina artística. A transversalidade retira-o do domínio da especialização, e o facto de a sua prática estar associada a mulheres, crianças e idosos também não contribuiu para uma teorização mais aprofundada.

Ainda assim, foi logo no início do século XX que surgiram os primeiros géneros literários dedicados à prática da narração oral em contextos urbanos e industrializados. São bibliotecárias e educadoras, algumas com percurso na ficção para a infância, a introduzir a novidade.

Contudo, só algumas décadas mais tarde a prática (e o reconhecimento artístico) começaria a consolidar-se, ou pelo menos a consolidar-se para lá da tradição familiar e dos meios pouco alfabetizados. Michael Wilson, em *Storytelling and Theatre* (2006), situa o renascimento da narração oral a partir dos anos 60, radicando-o em movimentos de contracultura e em espaços dedicados à infância, com momentos como a “Hora do Conto”. Para a profissionalização desta prática terá também contribuído a consolidação da *short story*, ou conto literário.

A narração oral e o teatro

Os narradores entrevistados por Michael Wilson reconhecem a importância do teatro na sua atividade. De facto, é essa a proveniência (e a bagagem) de muitos dos contadores de histórias profissionais. Alguns destes entrevistados apontaram as diferenças entre a performance a solo e o trabalho de aprender os traços de uma personagem, de se tornarem naquela personagem num determinado contexto e num determinado cenário, enquanto fingem que a audiência está lá. Jack Lynch assume que não tem medo de cruzar a quarta parede, e que esse à vontade lhe facilita o trabalho de narração. Já Taffy Thomas e Billy Teare preferem um modelo mais tradicional, e levam a quarta parede para o storytelling, encaixando-se na categoria de street performers ou comediantes de stand-up.

O próprio Wilson, narrador oriundo do teatro, deparou-se com o desafio de fazer mais com menos: trabalhar sem adereços, sem cenário, sem figurinos, ocupando apenas o espaço do seu corpo. Não deixa de ser curioso que para alguns, como Billy Teare, este minimalismo seja encarado como um acréscimo de liberdade, já que um narrador pode ser um ator, um animal ou até um adereço.

Apesar de os universos se tocarem, Wilson também identificou resistência nos narradores em equipararem-se a atores, com aqueles que não entram na profissão por essa via a considerarem que os atores dão origem a piores narradores. É o caso de Hugh Lupton, que sublinha o caráter repetitivo do trabalho do ator e a sua memorização, palavra a palavra, do texto, por oposição da espontaneidade performática do narrador, que em cada momento se relaciona com uma audiência diferente. Para Lupton, o sucesso reside nessa relação, na capacidade de fazer ruir a quarta parede. Para Wilson, uma divisão categórica das duas artes não faz sentido, é limitadora, já que nem toda a prática teatral preserva a quarta parede e nem toda a representação é baseada em personagens.

Narração oral em Portugal

Em Portugal, a profissionalização da narração oral dá-se mais tarde. António Fontinha é tido como o primeiro narrador a desenvolver a sua atividade profissionalmente, o que só acontece no início dos anos 90. Deixou para trás a formação e experiência em teatro e tornou-se narrador sem estar propriamente a contar com isso. Num projeto de animação do Chapitô em centros educativos, onde desenvolvia a vertente das artes plásticas, uma criança pediu-lhe que contasse uma história. As crianças pediram mais, e António Fontinha deu consigo a regressar às artes performativas. O regresso fê-lo iniciar um trabalho de recolha de contos tradicionais, porque não conhecia mais do que as histórias que a mãe lhe contava. No decurso da sua atividade cruzou-se com um pastor que contava histórias “com uma densidade que não estava no livro” - seria a primeira pessoa a quem faria recolha.

Em 1996, o seu trabalho de contador começa a consolidar-se: os contos fundadores são histórias que leu, mas a tradição oral também assume preponderância.

Por volta de 2001/2002, começaria o pequeno *boom* da narração oral.

Tardes Regaladas nas Ilhas de Campanhã - os contos vão a casa

Seis dos narradores profissionais hoje ativos passaram pelo Porto entre abril e junho de 2022, no âmbito da programação do Cultura em Expansão, que, no polo de Campanhã, é coordenada pela companhia de teatro Visões Úteis. Num primeiro momento, a opção de programação não era clara. Apenas existia a ideia de proporcionar aos moradores das ilhas de Campanhã um momento cultural e convivial - uma tarde regalada. O nome TRIC - Tardes Regaladas nas Ilhas de Campanhã, antecedeu a própria ideia de conteúdo.

As três ilhas que acolheram o projeto não são suficientes para refletir a realidade das 243 existentes na freguesia, mas as diferenças são perceptíveis. A morfologia, o estado de conservação e a relação entre os moradores são aspetos que saltam à vista assim que se se entra no pátio comum.

Das exíguas, insalubres e sobrelotadas habitações operárias restam núcleos ora envelhecidos, ora parcialmente abandonados, ora remodelados pelo esforço dos moradores. O envolvimento comunitário de outrora, feito de entreajuda e também de conflitos, pode ter sobrevivido às transformações do tempo em alguns casos, mas também se esboroou noutros. Muitas estão votadas ao esquecimento, quer pela progressiva debandada de moradores, quer por invisibilidade geográfica - estão nas traseiras da cidade e os seus moradores, muitas vezes, no patamar inferior da condição social.

Nestes três momentos, a visita que os moradores receberam não foi a do assistente social ou do técnico municipal, mas de artistas que, ao invés tentarem atrair público a um palco, fizeram da casa dos outros o seu palco.

TRIC 1, com Ana Sofia Paiva e Mariana Machado

A ilha é a da Presa Velha, na rua com o mesmo nome. Não está à vista. Não é passagem. Como tantas vezes acontece em Campanhã, as artérias escondem artérias mais pequenas, que por sua vez escondem muros, que por sua vez escondem famílias. De sangue ou de vizinhança.

Faltam 10 minutos para começar a sessão de histórias, mas o bulício ainda não existe, ou pelo menos não é perceptível. O estreito acesso à ilha abre-se num pátio, o pátio abre-se em acessos às casas, galinheiros, espaços para os cães, espaços para conviver.

As vizinhas vão-se juntando e ocupando as cadeiras da frente. Os intrusos vão chegando, mas ninguém os trata como tal.

É Ana Sofia Paiva que abre a sessão, e com um cantar tradicional. Daí passa as raízes dos antepassados. Avós, bisavós, tias-avós. Gerações de mulheres com raízes em Campo Lindo, Paranhos, não muito longe dali, apesar de Ana Sofia ter viajado de Lisboa. Nas suas histórias cabem bruxas, lenços de conversados (uma espécie de prova pré-namoro), galos falantes. Vai-se a ver, e foi a avó quem lhe ensinou a canção com que abriu a tarde.

É a vez de Mariana Machado. Trabalha narração oral e inteligência emocional. Tal como com Ana Sofia, o repertório também começa com uma ideia de proximidade. Desta vez o gatilho não é a avó (ou a tia) que depois se vai cruzar com lendas de bruxas e outras histórias, mas “uma senhora que vive perto de mim...” histórias de amores, desamores, coscuvilhice.

Depois de algumas interações com as vizinhas, é a vez de uma das moradoras contar uma história. A história do dia em que o seu sogro queria matar um peru, mas, na falta de melhores opções, decidiu embebedá-lo primeiro...deixando a sogra sem peru (perdido para o álcool) e sem garrafa de vinho do Porto.

“Bendito e louvado, está o conto contado”.

O conto, mas não o TRIC 1, porque as vizinhas e amigos puseram todo o empenho em regalar visitantes com bolinhos de bacalhau, pastéis de massa tenra, panados, bola, salpicão, tarte, pão-de-ló. De uma das exíguas cozinhas saíam os regalos dos visitantes, e entrava quem quisesse. As vizinhas juntam-se à volta da mesa e quem vem de fora é acolhido como se fosse dali.

TRIC 2, com Cristina Taquelim e Thomas Bakk

Azevedo. A segunda sessão estava marcada para a zona mais esquecida de Campanhã. À Ilha do Roupeta, nem a iluminação pública chega. Se o novo Presidente da Junta lá tivesse estado, teria certamente ouvido esse lamento da boca dos moradores. Entre os

convidados, caras repetidas. Da Presa Velha e de outras andanças do Cultura em Expansão. Reencontros entre quem já viveu em Campanhã e quem nunca de lá saiu.

Cristina Taquelim vem do sul. A viver no Alentejo, mas com origem algarvia, vai a esses contextos beber matéria para as histórias que viajam até ao norte.

Thomas Bakk vem do Brasil, mas já leva 22 anos em Portugal. A sua cidade é o Porto, diz, enquanto se assume como o brasileiro mais “tuga” que há. Apresenta-se. Profissão: contador de histórias. Começa por falar-nos de Valter, ladrão de atenções porque rouba tempo das pessoas. Como Thomas vem fazer, ainda que ninguém se sinta despojado. As suas histórias têm rima, métrica, pandeireta. São parcialmente cantadas, e Cristina começa no mesmo registo, mas de lastro alentejano. Apresenta-se também: explica que começou a trabalhar numa biblioteca pública e esta é a primeira vez numa ilha. Conta a história de Linda, que com um encanto se transforma em pomba, até alguém desfazer o encanto, e a história de Elias, que faz pactos com o Diabo, localizando-a em São Miguel, uma pequena aldeia alentejana.

Thomas serve-se do que tem à sua volta e conta a história de uma vaca magra, “Roupeta”, de um camponês pobre, que apesar da magreza tem a chave da prosperidade.

“Bendito seja o conto, quem ouviu e quem contou.”

Sessão encerrada, convidados reúnem-se à volta da mesa. Partilham-se memórias, referências, nomes, laços entre quem regressa e quem nunca partiu. Olha-se à volta e constata-se o progressivo esvaziamento da ilha.

No fim, o bichinho parece ter-se instalado numa das ouvintes. Contrariando a tendência, está de malas feitas para regressar à sua ilha, depois de uma vida noutras paragens. Tem histórias na manga. Histórias sobre a ilha, sobre o nome da ilha. Havendo oportunidade, não faltará a vontade.

TRIC 3, com Ana Lage e Carlos Marques

A Ilha do Poço é a mais central das três, a poucas centenas de metros da Praça da Corujeira (e da Junta de Campanhã). A anfitriã da tarde recebe os forasteiros, que aos poucos se vão sentando para a sessão.

Desta vez, os contadores vêm de longe: Carlos Marques chega de Montemor-o-Novo e Ana Lage de Lisboa, embora a alma esteja no Minho, onde vai beber muito do seu repertório.

É Carlos que abre a sessão. Mete conversa com uma das moradoras e logo de seguida propõe um jogo: um jogo em que ele assume o papel de contador e o público...o de público. E a primeira interação está criada.

Ana Lage vai ao lado biográfico: assume-se como a alfacinha mais minhota que há, e como uma espécie de andarilha das histórias, que gosta de percorrer as aldeias de ouvido aguçado. Da Sertã para a Ilha do Poço, traz-nos a história do encontro do Papa com o caricato Zé Pingas, uma história de símbolos, de gestos e de possibilidades (cómicas, neste caso) da comunicação.

Carlos fala de um passarinho com uma asa partida (devidamente representado por um adereço de feltro) que é atabalhoadamente salvo por um lenhador.

Ana Lage aproveita o momento ornitológico e apresenta-nos um rouxinol com artes soberbas de cantador, daquelas de espantar divindades...e um cuco que pensa poder chegar a esse nível.

Carlos pega pela primeira vez na guitarra e pergunta pelo estado de afinação da assistência. Desta vez, a história que nos conta (e canta) vem de Cabo Verde, embrulhada em crioulo, e nela cabe um boi fugitivo e um rapaz que comia pipocas.

De Cabo Verde, viajamos até Viana do Castelo, de onde Ana Lage nos traz a história do Zé Milho, um rapaz cujo pai, no leito de morte, lhe pediu que não desposasse moça que soubesse do mar. E Zé Milho presta-se a grandes esforços para cumprir (ou pelo menos tentar cumprir) o último desejo do pai. À boleia da história vem o imaginário minhoto, de Viana a Vilarinho das Furnas, e as tradições da região.

Carlos ainda pergunta se alguém tem alguma história para contar...

Ninguém arrisca e passa outra vez para a guitarra, desta vez para nos cantar Os Velhos e a Morte, uma história sobre um casal idoso que não se decide sobre quem deve abrir a porta à Morte, que bate insistentemente. História recolhida em Guimarães que corre o país na mala de Carlos.

Daqui, Ana Lage parte para o Pico, para uma história recolhida lá, um lugar que, pelo verde, lhe lembra o seu Minho adotivo.

Já depois do fim, há quem arrisque saltar da assistência e ocupar os lugares dos contadores, para contar uma história, em verso, sobre um gato.

O projeto - da conceção à realidade

O TRIC foi um projeto coordenado pelo Visões Úteis em articulação com a Trimagisto, companhia de Carlos Marques. Veio na sequência do Roda de Histórias, um trabalho de características similares desenvolvido na edição anterior do Cultura em Expansão, numa coletividade de Campanhã - com a dupla Carlos Marques / Thomas Bakk a dinamizar as três sessões. A ideia inicial até passava por começar a recolher histórias, ainda que com a noção de que gerar essa possibilidade implica um trabalho continuado. De resto, os contadores do TRIC vão essencialmente buscar o seu repertório ao conto tradicional mas também à recolha em momentos como estes, ou à adaptação de histórias e adivinhas escutadas ou lidas em diferentes contextos.

Quer Ana Sofia e Mariana, quer Ana Lage e Carlos identificam uma certa tendência para se associar o conto ao público infanto-juvenil, o que condiciona os seus contextos de trabalho. Todos são chamados para sessões em escolas e bibliotecas. Esta associação também se enraizou com influências como a Disney, que disseminou versões suavizadas de contos que não foram criados a pensar nesse tipo de público. Por isso, também se tenta romper barreiras. Carlos Marques tem procurado desvincular o ato de contar histórias da mediação da leitura - uma ideia fortalecida pelo Plano Nacional de Leitura -, autonomizando-o, como acontece no teatro. Contudo, aqui privilegia-se uma

relação horizontal com o público ou, se quisermos, um progressivo esbatimento da ideia de público, que passa a ser um ator com poder de interagir, mostrar agrado ou desagrado e influenciar o espetáculo. Aliás, foi também para tentar antecipar algumas contrariedades que Carlos Marques pensou as sessões em dupla - o registo vai mudando e o cansaço não se instala.

E pouco mais dá para antecipar. Foi explicado aos contadores o contexto que iriam encontrar nas ilhas, mas a disponibilidade para ficar, ouvir ou participar só se pode aferir no momento. Não se sabe que barreiras vão ser quebradas, quem vai querer tomar a palavra e de que forma. As condicionantes do espaço também podem dificultar essa quebra. No caso da Presa Velha, as contadoras tentaram dispor as cadeiras de modo que todos se vissem, mas não era possível, tal como não se antecipou o ruído das passagens regulares do comboio, dos cães a ladrar ou de bebés a chorar.

A escolha das ilhas - e os primeiros contactos com os moradores - foi feita em articulação com os assistentes sociais da Junta de Freguesia de Campanhã. Poucos eram os critérios predefinidos: a existência de um espaço suficientemente amplo para dispor as cadeiras e a distribuição das três sessões pelo território. As ligações e interações que a partir daí se estabeleceram também variaram, e o contexto de partida definiu dificuldades. Na Presa Velha, os laços fortes e a entreaajuda manifestaram-se na disponibilidade para receber e cozinhar em abundância. No caso da Ilha do Roupeta, a vivência mais isolada dos moradores refletiu-se num maior distanciamento: houve comida, mas vinda de fora, e nenhuma porta de casa se abriu aos forasteiros. Na Ilha do Poço, as tensões internas quase comprometeram o processo, mas a mediação foi dissipando desconfianças.

Com maior ou menor dificuldade, os três momentos revelaram-se agregadores. Desde logo, o TRIC extravasou as fronteiras das ilhas onde decorreu: vieram moradores de ilhas vizinhas, movidos pela curiosidade pelo TRIC, público movido pela curiosidade de saber o que é uma ilha e pessoas que habitualmente habitam outros pontos da freguesia, como utentes dos Albergues do Porto.

Em três momentos, a informalidade e a horizontalidade do ato de contar histórias foi ponto de partida para outras interações, à volta da mesa, onde o idoso se junta ao jovem e o arquiteto ao sem-abrigo.

Não deixa de ser simbólico que o TRIC aconteça após dois anos de evaporação do contacto social. Contar histórias, seja à lareira, em família, ou numa ilha em Campanhã num domingo à tarde, é uma performance artística, mas também um espaço de diálogo e de partilha de afetos, de proximidade. Três sessões não serão o suficiente para combater a solidão de moradores idosos, incentivar a participação social, chamar a atenção para as obras adiadas de que a Presa Velha precisa, mas que diversos projetos de intervenção social têm tido dificuldade em implementar, ou para a luz que não chega à ilha do Roupeta. Também não serão o suficiente para criar repertório. Mas podem lançar a semente para novos modelos de intervenção - e interação - com o território, menos assistencialistas, mais horizontais e mais prazerosos. Uma semente que começou a germinar pouco depois de o TRIC estar concluído. *O Meu Amor Virá de Comboio* é um espetáculo teatral idealizado por Sónia Barbosa, à volta das memórias do caminho-de-ferro. A sua chegada a Campanhã, no âmbito do Cultura em Expansão, implicou a recolha de testemunhos locais, entre os quais os de mulheres da Presa Velha cujos familiares trabalharam na ferrovia.

A narração oral é uma linha iniciada em Campanhã com o Roda de Histórias, diversificada em outros momentos, como o TRIC, e com continuidade em agenda. Em 2023, o coletivo Maria Zimbro fará uma residência em Azevedo, onde irá recolher as histórias dos locais, num projeto que terá a sua expressão performativa num percurso pedonal, mas ficará também registado, para que à dimensão da partilha se possa juntar a da preservação.

Bibliografia:

- Wilson, Michael (2006): *Storytelling and Theatre*, ed. PALGRAVE MACMILLAN
- Bauman, Richard (1986): *Story, performance and event - Contextual studies of oral narrative*, ed. Cambridge University Press
- Carmelo, Luís Correia (2016): *Narração Oral: uma arte performativa* (doutoramento em comunicação, cultura e artes), disponível em <https://sapientia.ualg.pt/bitstream/10400.1/9006/1/Narra%c3%a7%c3%a3o%20Oral.pdf>
- António Fontinha, a entrevista: disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=LCX1IERxFsU>

Agradecimentos:

Aos contadores Ana Sofia Paiva, Mariana Machado, Cristina Taquelim, Thomas Bakk, Ana Lage e Carlos Marques, ao assistente social José António Pinto e à cenógrafa e mediadora Inês de Carvalho pelas conversas que deram origem a este texto. Ao Visões Úteis pela oportunidade de acompanhar e documentar este processo.

Cátia Vilaça - jornalista